



7º Simpósio de Ensino de Graduação

TIA DE QUE VAMOS BRINCAR HOJE? OLHANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA NATAÇÃO

Autor(es)

MARAIZA PEREIRA DA SILVA THIAGO

Co-Autor(es)

IDA CARNEIRO MARTINS
OSVALDO LUIZ TEREZANI

Orientador(es)

SILVIA CRISTINA CREPALDI ALVES

1. Introdução

No ambiente atual da ao pedagica da natao a cada dia surge um nmero maior de rotinas e seqcias pedagogicas que buscam facilitar a vida do profissional, por com o passar do tempo isso se torna monono para quem ensina e tamb para quem aprende, fazendo com que o esporte n passe de gestos mecicos sem significado (FERNANDES, LOBO DA COSTA, 2006). Nesse estudo investigaremos quais as origens da modalidade e suas correntes metodolicas para entendermos melhor o atual processo de ensino do esporte para crians de seis a nove anos.

2. Objetivos

Investigar as origens da natação e suas correntes metodológicas para melhor compreender o atual processo de ensino da natação para crianças de seis a nove anos.

3. Desenvolvimento

Este trabalho foi apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I. Sua metodologia de pesquisa foi a revisão bibliografica através de livros do acervo das bibliotecas da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e artigos científicos acessados pelo Portal da Capes e Scielo.

4. Resultado e Discussão

O nadar é a habilidade que permite ao ser humano deslocar-se num meio líquido, normalmente a água, graças às forças propulsivas que gera com os movimentos dos membros superiores, inferiores e corpo, que lhe permite vencer as resistências que se opõem ao avanço (SAAVEDRA, ESCALANTE, RODRÍGUEZ, 2003).

Lotufo (s/d, p.8) diz que desde a pré-história o homem se lançava na água em busca de alimento, ou como forma de defesa contra animais ferozes e outros perigos da vida selvagem. Os primeiros registros históricos que fazem referência à natação apareceram no Egito, no ano 5.000 a.C., nas pinturas da Rocha de Gilf Kebir (LEWILLIE, 1983 apud SAAVEDRA, ESCALANTE, RODRÍGUEZ, 2003).

Os gregos acreditavam que nadando o indivíduo teria uma educação integral. Para Platão “o cidadão educado era aquele que sabia ler e nadar” (Lei 689 de Platão). Já na idade média aconteceu a decadência da natação, pois acreditavam que a água ajudava a disseminar epidemias (LOTUFO, s/d, p. 9 - 10).

Por volta do século XVI com o Renascimento, a prática da natação volta a ressurgir e surgem também os primeiros escritos referentes à natação, como o livro do alemão NICHOLAS WYMMAN (1538) titulado "Colymbetes, Sive de arti natandis dialogus et festivus et iucundus lectu", cuja tradução livre é: "O nadador ou a arte de nadar, um diálogo festivo e divertido de ler". Este livro, escrito em latim, é considerado o primeiro documento integralmente dedicado à natação (SAAVEDRA, ESCALANTE, RODRÍGUEZ, 2003).

(Séc XVII e XVIII)

No século XIX surgiu um estilo parecido com o crawl de nossos dias, mas apenas mais tarde, no início do século XX, aparece o crawl australiano, com as pernas estendidas e movimentação alternada dos braços (LOTUFO, s/d, p.10).

As primeiras metodologias da natação lançavam mão de exercícios repetitivos, seqüenciados e sem significado motor. Isso se torna mais evidente com o aparecimento de “máquinas para aprender a nadar”, onde os alunos, querendo ou não, deslocavam seus segmentos presos por correias, a sistemas de canos, manivelas, etc. (CATTEAU, GAROFF, 1990, p. 41). A essa metodologia os autores deram o nome de Concepção Analítica e Fernandes e Lobo da Costa (2006) afirmaram ter sido bem aceita nos meios de ensino militar.

(OUTRAS METODOLOGIAS)

Existe uma grande procura por escolinhas da modalidade para crianças, cujas aulas são muito relevantes para o processo de desenvolvimento fisiológico e psicológico (RAMALDES, 1999, p.20). E de acordo com Gallardo (p. 19, 1997) essa procura também acontece, pois os pais sustentam a idéia de que o esporte serve como fator educativo/dominador, ou seja, leva “a criança a aprender que entre ela e o mundo existem outros, e que para a convivência social, a obediência a certas regras incontestáveis e imutáveis é necessária”, tal pensamento ainda está presente por influência do militarismo da década de 1960, onde se buscava adestrar corpos e deixa-los fortes, ou seja, prontos para a guerra (GALLARDO, 1997, p.17).

A partir de 1960, com o golpe militar, a Educação Física passa a ter um caráter mais competitivo e a natação, como desporto, começa a valorizar a busca da superação individual, o alcance de recordes. Então metodologias buscam formar futuros atletas, que possam valorizar o nome do país perante outras nações (PEREIRA, 2001, p. 31).

No Brasil, uma visão para o ensino da natação começou a se estabelecer no ano de 1978, quando o professor David C. MACHADO publicou o livro “Metodologia da Natação”, incluindo uma etapa de adaptação ao meio líquido, até então ignorada na aprendizagem (FERNANDES, LOBO DA COSTA, 2006).

Machado representou um grande avanço para a metodologia de ensino e treinamento no país, juntamente com os trabalhos de Counsilman (1980) que apresentava descrições detalhadas de mecânica dos nados e introduzia metodologia de psicologia da aprendizagem (FERNANDES, LOBO DA COSTA, 2006).

Segundo Andries Junior e Dunder (2002) pode ser desenvolvida em três fases: a iniciação, o aperfeiçoamento e o treinamento. Na iniciação são trabalhados os aspectos da aprendizagem que envolve os fundamentos da natação, como os primeiros contatos com a água, a respiração, a flutuação, a propulsão e o mergulho e os nados crawl, costas, peito e borboleta de forma rudimentar. No aperfeiçoamento a técnica é melhorada e na fase de treinamento é desenvolvido todo o condicionamento físico necessário para a obtenção de bons resultados desportivos.

Entretanto, atualmente, a frenética busca por futuros talentos tem contribuído para que algumas das etapas de trabalho sejam realizadas de forma inadequada, tornando o período de aprendizagem dos nados extremamente rápido. Tal situação nos leva à questão da especialização precoce, onde crianças cada vez mais novas têm sido submetidas a treinamentos rigorosos, que vai muito além do que seria saudável para seu processo biológico, ambiental e o contexto sócio-cultural (OLIVEIRA et al, 2007; DARIDO, FARINHA,1995). Maglischo (1999, 247-248) diz que o treinamento específico deve se iniciar apenas a partir dos 12 anos, pois quando mais nova não existe uma boa preparação fisiológica. Porém pode ser constatado por Oliveira et al (2007) que a idade de ingresso ao treinamento é de 8 anos, aproximadamente.

A natação muitas vezes se caracteriza como um esporte que, através de uma série de exercícios metódicos e individualizados, busca obter registros de tempos cada vez menores, prevalecendo o aperfeiçoamento da técnica, não passando de gestos mecanicistas (DAMASCENO, 1992, p.19), por conseguinte com o passar dos anos, muitos desistem de praticar o esporte, devido a grande exigência de pais e professores para que consigam resultados satisfatórios (PEREIRA, 2001, p.18).

É notável como a pedagogia da natação tem sido pouco valorizada nos livros didáticos sobre o assunto. O ensino outras vezes feito

com alunos em bancos de natação e seguros por cordas, ou até mesmo com gravações do tipo “aprenda a nadar”, refletem uma pedagogia que ignora a capacidade natural do corpo humano de lidar com o meio líquido (FERNANDES, LOBO DA COSTA, 2006). As autoras ainda completam dizendo que

o ensino da natação tem se caracterizado pela sistematização de rotinas das chamadas “seqüências pedagógicas” compostas por conteúdos predeterminados para o aprendizado técnico dos quatro estilos da natação competitiva. Quando o ensino é focado no produto, aspectos como a etapa de desenvolvimento da habilidade do nadar em que o aluno se encontra, sua faixa etária, seus interesses e possibilidades físicas particulares não são considerados, o que pode tornar a aprendizagem da natação um processo monótono e sem significado para quem aprende e repetitivo e desinteressante para quem ensina.

Além disso, notamos que existem poucos modelos teóricos que dêem base a um ensino da natação onde se leve em consideração o desenvolvimento motor aquático (XAVIER FILHO, MANOEL, 2002, p.89).

O processo de desenvolvimento da habilidade motora aquática em humanos foi abordado primeiramente por Waston (1919) e posteriormente por McGraw (1939). Estes autores procuravam explicações para a gênese do comportamento motor aquático em bebês e crianças. Watson defendia que essa aquisição seria condicionada por processos ambientais, enquanto McGraw (1939) atribuía essa aquisição aos processos de maturação do organismo (XAVIER FILHO, MANOEL, 2005, p.287-288).

Porém Xavier Filho e Manoel (2002, p.88) dizem que em síntese, o desenvolvimento do comportamento motor aquático poderia ser visto através de um modelo que compreende sete níveis.

Os primeiros níveis corresponderiam à transição entre o reflexo de nadar e o controle postural voluntário. A seguir, os níveis de três a seis corresponderiam às mudanças graduais no padrão de locomoção aquática. Finalmente, o nível sete corresponderia a um período de utilização da habilidade de nadar para vários fins (ocupacionais, recreativos ou esportivos) de forma ampla e diversificada como, por exemplo, pólo aquático, mergulho, nado sincronizado etc. (XAVIER FILHO, MANOEL, 2002, p.88).

Gallahue e Ozmun (2005, p.201) dizem que “o período da infância é marcado por aumentos estáveis da altura, do peso e da massa muscular”, os autores ainda completam dizendo que esse período pode ser dividido em inicial, 2 a 6 anos, e posterior, 6 a 10 anos.

Durante a primeira infância, a criança acreditava poder resolver qualquer problema através da fantasia, porém ao passar para a segunda infância, com o desenrolar de seu período escolar, percebe que é necessário utilizar elementos concretos para resolver problemas reais (FREIRE, SCAGLIA, 2004, p.22). Gallahue e Osmun completam dizendo que os períodos de atenção, geralmente, são curtos, porém gradualmente se estendem, mas quando a atividade é interessante para eles podem passar várias horas praticando-a. Esse período da infância também é marcado pela curiosidade, boa imaginação e criatividade (2005, p.211).

5. Considerações Finais

Ao se tratar da iniciação esportiva não se pode ficar preso apenas à visão da técnica, apesar de ter como finalidade o aprendizado dos nados oficiais, o importante é que o aprendiz desenvolva formas de nadar com prazer e diversão (ANDRIES JUNIOR, PEREIRA, WASSAL, 2002, p. 39).

“A natação por dirigir-se ao estabelecimento do movimento, não inibindo a criatividade permite à criança a exploração e manejo do meio, através de atividades motoras, que contribuem para a estruturação do seu esquema corporal” (DAMASCENO, 1992, p. 31). O professor deve criar um ambiente motivador onde as brincadeiras possam acontecer, proporcionando brincadeiras que levem ao alcance de vários objetivos, sem limitar a uma única brincadeira, a um único jogo. (FREIRE, SCHWARTZ, 2005).

Damasceno (1992, p. 43) diz que o prazer e a técnica dos nados não devem ser tratados como elementos isolados, e sim serem desenvolvidas em conjunto, “através de um processo lúdico, onde o jogo, a diversão em realizar exercícios, o contato social etc., assumam papel de destaque”.

Os grandes desafios enfrentados por cada professor de natação atualmente são: superar a noção de que aprender a nadar se resume ao domínio técnico dos quatro estilos; valorizar o aluno como alguém que já traz um saber anterior, considerá-lo membro ativo no processo de aprendizagem e mudar sua postura diante dos objetivos a serem alcançados. (FERNANDES, LOBO DA COSTA, 2006).

Referências Bibliográficas

ANDRIES JUNIOR, O, DUNDER, L Natação: Treinamento Fundamental. Barueri, São Paulo: Manole, 2002.

ANDRIES JUNIOR, O; PEREIRA, M. D.; WASSAL, R. C. Natação Animal: Aprendendo a nadar com os animais. Barueri, São Paulo: Manole, 2002.

DAMASCENO, L. G Natação, psicomotricidade e desenvolvimento. Brasília (DF): Secretaria dos Desportos da Presidência da

República, 1992.

DARIDO, S. C., FARINHA, F. K. Especialização precoce na natação e seus efeitos na idade adulta. Motriz – Volume 1, Número 1, 59-70, junho/1995.

FERNANDES, J.P. R, LOBO DA COSTA, P.H. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.20, n.1, p.5-14, jan./mar. 2006.

FREIRE, M e SCHWARTZ, G. M O papel do elemento lúdico nas aulas de natação. EF y Deportes Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 86 - Julio de 2005 acesso em 14 de maio de 2009 10:40.

GALLAHUE, D, OZMUN, J Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças adolescentes e adultos. Traduzido por Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo, Juliana de Medeiros Ribeiro, Juliana Pinheiro Souza e Silva. 3 ed., São Paulo: Phorte, 2005. Tradução de: Understanding motor development: infants, children, adolescents, adults -5th ed.

GALLARDO, J. S. P. (Org) Educação Física: contribuições à formação profissional. 2ª ed., Ijuí: Ed UNIJUÍ, 1997.

LOTUFO, J N. Ensinando a nadar. 5ª ed., São Paulo: Basipal, s/d.

MAGLISCHO, E.W. Nadando ainda mais rápido. São Paulo: Manole, 1999.

MATTOS, M., ROSSETO JUNIOR, A. J., BLECHER, S. Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: construindo seu trabalho acadêmico: monografia, artigo científico e projeto de ação. São Paulo: Phorte, 2004

OLIVEIRA, G. S. et al A relação entre a especialização precoce e o abandono prematuro da natação. Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, SP, v.8, n. 11, jul/dez 2007- ISSN 1679- 8678.

PEREIRA, M D. O Mundo Fantasia e o Meio Líquido: o processo de ensino aprendizagem da natação e sua relação com o Faz-De-Conta, através de aulas temáticas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001.

RAMALDES, A.M. 100 aulas: bebê a pré-escola. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

SAAVEDRA, J M ; ESCALANTE, Y, RODRÍGUEZ, F A. A evolução da natação. EF y Deportes Revista Digital - Buenos Aires - Ano 9 - N° 66 - Novembro de 2003 acesso em 14 de maio de 2009 10:30.

XAVIER FILHO, E , MANOEL, E.J, A habilidade nadar e o estudo do comportamento motor. In TANI, G, Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2005.

XAVIER FILHO, E, MANOEL, E,J, Desenvolvimento do comportamento motor aquático: implicações para a pedagogia da Natação. Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília v. 10 n. 2 p.85-94 abril 2002.